

Quem somos?

● O Comité Operário Internacional contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária (COI) constituiu-se na Conferência Mundial de Mumbai (Índia) que juntou, entre os dias 19 e 21 de Novembro de 2016, delegados de 28 países.

● O COI constituiu-se com base no Manifesto de Mumbai contra a guerra, a exploração e o trabalho precário, manifesto que teve a adesão de militantes operários e responsáveis de organizações políticas e sindicais de 46 países (*)

● O Comité de Acompanhamento é composto por militantes operários de todas as tendências:

Innocent Assogba (Benim)
Alan Benjamin (Estados Unidos)
Colia Clarke (Estados Unidos)
Constantin Cretan (Roménia)
Berthony Dupont (Haiti)
Ney Ferreira (Brasil)
Daniel Gluckstein (França)
Rubina Jamil (Paquistão)
Apo Leung (China)
Gloria Gracida (México)
M. A. Patil (Índia)
Mandlenkosi Phangwa (Azânia)
Klaus Schüller (Alemanha)
Jung Sikhwa (Coreia)
John Sweeney (Grã-Bretanha)
Mark Vassilev (Rússia)
Nambiath Vasudevan (Índia)

(*) Afeganistão, Azânia, Alemanha, Argentina, Áustria, Bangladesh, Bélgica, Benim, Bielorrússia, Brasil, Burundi, Canadá, Chile, China, Coreia, Costa do Marfim, Equador, Estados Unidos, Filipinas, França, Grã-Bretanha, Grécia, Haiti, Hungria, Índia, Irlanda, Islândia, Itália, Mali, México, Paquistão, Peru, Portugal, República Checa, Roménia, Ruanda, Rússia, Senegal, Suécia, Suíça, Togo, Tunísia, Turquia, Ucrânia, Venezuela, Zimbábue.

CHINA

“Lentos a gerir a crise, mas rápidos a mandar-nos calar”

“São lentos a gerir a crise, mas rápidos a mandar-nos calar”: resumo feito por um internauta chinês da atitude dos responsáveis da cidade de Wuhan ante a situação criada pela epidemia do coronavírus, que alastra sem parar, com um balanço cada vez mais pesado em vidas humanas.

Assim, o primeiro caso foi diagnosticado no dia 12 de Dezembro, mas só foi confirmado oficialmente pelas autoridades locais no dia 31. Entretanto, a polícia de Wuhan prendeu e puniu oito pessoas por “publicação de informações falsas na Internet”. Ora, estas oito pessoas eram médicos, um dos quais morreria pouco mais tarde, depois de tratar doentes infectados com o vírus! Ainda hoje a polícia e as fornecedoras de acesso à Internet continuam a campanha contra cidadãos que discutam medidas tomadas contra a epidemia. Houve jornalistas interpelados e ameaçados pelas autoridades.

As poucas centenas de aparatçhikes do Partido Comunista Chinês que dirigem Wuhan e a província de Hubei fizeram alarde da sua incúria, querendo fazer crer que a situação não era grave. A atestá-lo, o facto de se terem reunido em Wuhan para deliberações de 7 a 17 de Janeiro e proibido que a epidemia aparecesse na primeira página do jornal mais lido de Wuhan antes do dia 19 de Janeiro. Mais de um mês perdido no combate eficaz à infecção! Uma atitude ignóbil, sobretudo sabendo que a mobilização dos meios estatais permitiu construir dois hospitais em menos de duas semanas.

Assim, foi preciso chegar o dia 20 de Janeiro para a Comissão Nacional de Saúde desaconselhar deslocações a, e saídas de, Wuhan. A Organização Mundial da Saúde (OMS), ligada à ONU, subestimou, pelo seu lado, conforme ela própria admitiu, o perigo

e as medidas adequadas, condenando, não obstante, que se restringissem as entradas e saídas de viajantes, bagagens, carga, contentores e mercadorias.

Não admira o apelo aos trabalhadores dos hospitais de Hong Kong para, à falta de medidas sanitárias mais estritas, entrarem em greve no início desta semana: “Se não encerrarem totalmente a fronteira, não haverá nem pessoal, nem equipamento protector nem câmaras de isolamento em número suficiente para combater a epidemia”, afirmou um dirigente sindical. Ninguém se esqueceu dos 300 mortos que a epidemia de SARS fez em Hong Kong em 2003.

O facto é que a epidemia já privou de trabalho os assalariados dos serviços (hotéis, restaurantes, comércio vários), dos transportes (ferroviários, autocarros, táxis), dos teatros e cinemas, etc., não só em Wuhan, mas também noutras grandes cidades da China. O governo de Pequim decidiu prolongar o encerramento da maior parte das empresas e fábricas do país até 9 de Fevereiro, mas a Foxconn, por exemplo, fez saber que os seus 800.000 operários não reatariam a produção de iPhones antes de meados de Fevereiro. Hong Kong já adiou o regresso às aulas nas escolas e universidades para 2 de Março. É claro que, na população, é grande a preocupação de que a situação se prolongue ainda mais, até muito depois de 9 de Fevereiro. Um correspondente de Hong Kong conta-nos que “ninguém faz ideia do que vai acontecer amanhã. Reinam a angústia e a sensação de impotência.”

As correspondências que nos foram endereçadas e neste boletim publicamos revelam o que estão vivendo milhões de trabalhadores e jovens. ■

Alain Denizo

“A economia de Wuhan sujeita a fortes tensões”

(Testemunho de um trabalhador)

Recebemos este testemunho de Wuhan na Segunda-feira, 3 de Fevereiro: “Em geral, como a cidade está praticamente “parada”, as actividades são muito limitadas. Todas as escolas adiaram as aulas e a direcção do ensino de cada zona está a discutir como dar as aulas em linha (teletrabalho). Não me parece que os trabalhadores dos transportes públicos sejam despedidos, nesta situação, dado tratar-se de um sistema público, e os gestores não terem que pensar em ter-

mos de mercado. Um decreto oficial dos Recursos Humanos e da Segurança Social de Wuhan publicado há poucos dias proibiu despedimentos ligados a infecção pelo coronavírus, suspeita de infecção, contacto estreito com doentes ou de trabalhadores que não se possam apresentar ao trabalho devido à quarentena. No entanto, não tenho a certeza que seja o que se aplique. A economia de Wuhan está sujeita a fortes tensões. Muitas empresas, mormente no sector manufactureiro com forte intensidade

de mão de obra e nos serviços, debatem-se com dificuldades financeiras.”

O banco central chinês anunciou que ia injectar 156 mil milhões de euros em liquidez no sistema financeiro, para tentar fazer face a esta paragem da actividade, mas todos os decisores do planeta estão preocupados, porquanto, dados os custos de produção baixos, o mercado chinês se tornou indispensável a muitos países que estão à beira da crise económica aberta. ■

“A minha cidade natal, Wuhan, decretou inesperadamente a quarentena no dia 23 de Janeiro às 2h da manhã”

(Testemunho de um estudante)

Este é o testemunho de um estudante, datado de finais de Janeiro: “Na véspera de ir para Wuhan, recebi uma mensagem da minha tia, a dizer: “Não venhas, que o vírus está-se a propagar.” Pensando no desejo que os meus pais tinham de me rever, acabei por apanhar o avião como tinha previsto. Tive para mim que a situação parecia estar controlada e eu ficaria apenas dez dias: o risco não havia de ser assim tanto. Mas no que isto deu é que agora não posso voltar...”

A minha terra, Wuhan, decretou inesperadamente a quarentena no dia 23 de Janeiro às 2h da manhã, temendo propagar o novo tipo de coronavírus tanto ao nível nacional como internacional. A cidade é um dos principais hubs (aeroportos distribuidores — NdR) de passageiros da China, tem mais de 10 milhões de habitantes. Mesmo sem trabalhadores migrantes e estudantes universitários (que têm tendência para sair da cidade para as reuniões de família), há provavelmente mais de 7 milhões de residentes locais a viver em Wuhan durante a Festa da Primavera deste ano. No dia da quarentena, todos os transportes públicos

da cidade fecharam, tal como as estações, portos, auto-estradas e aeroportos. Não havia comboios, não havia ferrys, não havia autocarros, não havia metro e, claro, não havia aviões.

(...) No dia 24, quase todas as cidades da minha província anunciaram quarentenas. No momento em que escrevo este artigo, 25 de Janeiro, o exército foi mobilizado e bloqueou todas as auto-estradas que saem de Wuhan. A província vizinha, de Henan, fez uma grande campanha para rastrear os wuhaneses e impedi-los de entrar. Vi uma fotografia na internet de uma aldeia de Henan a destruir a estrada na fronteira. Na tarde de 25, a cidade anunciou a proibição total de circulação em viaturas privadas.

As pessoas são incentivadas a ficar em casa e não visitarem parentes e amigos. Muitos restaurantes param a actividade durante as férias conforme previsto, excepto os que querem enriquecer durante as férias. Não estão autorizadas aglomerações em público (mercado tradicional, visitas a templos, etc.), e os locais de divertimento (KTV, cinemas, teatros, etc.) foram obrigados a fechar (...).

Em resumo, estou completamente bloqueado dentro da cidade e não tenho ideia nenhuma de quando poderei reatar os meus estudos. (...) Há tanta gente que eu queria voltara a ver, mas o período de incubação deste novo vírus é como uma espada de Dâmoacles. O facto de eu vir de Wuhan causa problemas. Para sr sincero, a situação actual é muito penosa.

Ficámos muito contentes quando descobrimos que ainda havia dois super-mercados abertos a meia hora a pé, e provavelmente não nos irão faltar as máscaras, o que também é uma boa notícia, pois a cidade carece de recursos médicos essenciais.

Neste artigo, não me irei lançar numa análise política. A quarentena não é uma medida fácil tomada pelos governos de Wuhan (municipal) e de Hubei (provincial). É raro chegar ao nível óptimo em medidas extremas. Os habitantes de Wuhan têm feito grandes sacrifícios para conter o vírus, activa ou passivamente. Há quem tenha sido temporariamente retido, fora da cidade, em hotéis, em casa dos pais ou de amigos.” ■